

Belgo Mineira enfrenta recessão com nova aciaria de US\$ 152 milhões

Belo Horizonte — Uma das grandes empresas mineiras que menos se abalou com o pique da recessão, em 1981, foi a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, que iniciou o investimento de 152 milhões de dólares (Cr\$ 30 bilhões 115 milhões) com a instalação da nova aciaria em João Monlevade, no vale do aço mineiro. No ano anterior, a empresa já havia lançado dois novos produtos — “Curral de aço” e “Lagosteirol”, e, em fevereiro passado, comprara duas usinas de treilados no Nordeste.

— “Vamos manter os investimentos até onde nossa estrutura agüentar a atual conjuntura, porque não cometeremos a loucura de assumir um endividamento gigantesco, se a crise não apresentar sinais de melhoras” — afirma o presidente da Belgo, Hans Schlacher. Ele não gosta de fazer previsões, mas arrisca um palpite: “O último trimestre não será muito pior que o terceiro. E 1983 não será um ano espetacular, mas não será de recessão”.

Protecționismo

Fundada em 1917, em Sabará, e hoje a maior siderúrgica privada do país, com capacidade instalada para 900 mil t/ano de aço em lingote, a Belgo mantém neste trimestre uma ocupação em torno de 100% na Usina de Monlevade, onde trabalham cerca de 4 mil pessoas. O presidente da Belgo não acredita em rápida reabilitação do mercado interno e diz que a tendência do mercado externo é ficar cada vez mais disputado e difícil, devido ao protecionismo praticado pelos Estados Unidos e Mercado Comum Europeu.

No final de 1981, a empresa tinha 9 mil 260 empregados na Usina de Monlevade, na Trefilária de Contagem, na Usina e Mecânica Central de Sabará e no escritório central de Belo Horizonte. A empresa encerrou aquele exercício com um prejuízo líquido de Cr\$ 500 milhões, para uma receita bruta de Cr\$ 35 bilhões 103 milhões (60,5% a mais). A produção de treilados, fio-máquina, outros laminados e fundidos caiu 4%, para 694 mil 261 t, e as vendas 7,9% para 2 milhões 716 mil 385 t.

— A alternativa não existe, principalmente para as usinas integradas como a Belgo. O que temos de fazer é continuar lutando para forçar as exportações e aumentar o consumo de aço interno — diz Hans Schlacher. Mas ele concorda, porém, que existe um ponto em que as empresas não conseguem manter um quadro muito grande de funcionários ociosos. “Ai, as empresas são obrigadas a adequar sua operacionalidade ao mercado”, frisa.

O desempenho do ano passado, “que não chegou a ser catastrófico”, observa Hans Schlacher, obrigou a

empresa a fazer demissões, principalmente em Sabará, com uma dispensa mais expressiva no mês passado, de 100 pessoas, caindo o quadro para 1 mil 400. “A redução que provocamos foi dentro do nosso plano de produção, atingindo sempre as áreas de apoio”, explicou o presidente da empresa, ao revelar que o total de empregados em todas as unidades é hoje de 8 mil 590 pessoas.

Melhora

O presidente da Belgo não advoga a política de investimentos em épocas de crise, mas observa que, no caso do setor siderúrgico, há uma necessidade constante de reformas de altos-fornos, trefilarias, sintetizadores, aciaria etc. “São investimentos tão caros quanto o de uma expansão, cujo retorno só vem, quando vem, a longo prazo”, diz.

No primeiro semestre, a Belgo deu sinais de recuperação, com uma produção de 447 mil 353 t de aço — 9% a mais que no mesmo período de 1981, e vendas de 333 mil 378 t no mercado interno e 57 mil 585 mil t no externo. A empresa obteve uma receita líquida de Cr\$ 28 bilhões 100 milhões (103% a mais) e um lucro líquido de Cr\$ 1 bilhão 700 milhões (316% a mais).

— Nossos ajustes, com um programa intenso de reacionalização de custos e de administração têm dado resultados — declara Hans Schlacher, que ainda espera atingir a meta de exportar 130 mil t de laminados, apesar das barreiras alfandegárias dos EUA, onde o aço brasileiro está sobretaxado em 14,3%.

— A situação é extremamente difícil no mercado externo, onde os preços, no começo do ano estavam em torno de 250 dólares FOB a tonelada e, hoje, em cerca de 210 dólares, isso sem contar as barreiras que sofremos — comenta o presidente da Belgo, acrescentando que “o protecionismo dos norte-americanos não é contra países, mas sim contra empresas”. Ele relaciona entre as usinas brasileiras do setor privado que mais serão afetadas nos EUA a própria Belgo, a Cosigua e a Gerdau.

Até o final de julho, a Belgo já havia exportado este ano 63 mil t de laminados, contra 24 mil t no mesmo período de 1981. Hans Schlacher não quer revelar a meta da empresa para este ano em produção e venda, mas assegura que será possível sair do vermelho. A Trefilária de Contagem — região metropolitana, onde trabalham cerca de 3 mil pessoas, tem capacidade para produzir, anualmente, 540 mil t e, até fins de agosto, operava com uma ociosidade de 20%. Em Sabará, com capacidade para 63 mil t/ano de aço em lingote, 40 mil de treilados e 14 mil de fundidos, a ocupação está em torno de 90%.



A Belgo Mineira não vai “cometer a loucura de grande endividamento” se a crise não der sinais de melhora